

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXV Volume

Redacção e Administração  
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Novembro de 1912

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

N.º 1220

## A GUERRA DOS BALKANS



CELEBRAÇÃO DO «TE-DEUM» NA IGREJA DE SANTA MARIA, DE STARA ZAGORA, EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELA VICTORIA DOS EXERCITOS ALIADOS DOS BALKANS. ASSISTEM O REI FERNANDO I DA BULGARIA, OS PRINCIPES, ALTOS DIGNITARIOS E POVO. O REI FERNANDO BEIJANDO A CRUZ

(Segundo um desenho de F. Villiers da «The Illustrated London News»)

## CRONICA OCCIDENTAL

Este lindo Outono de Portugal já estremece e empalidece, leva as mãos afiladas ao seio mirradinho e magoado, tem apreensões vivas e deliquios de ternura, sente calenturas intermitentes na sua fronte principesca e começa a inclinar, mais e mais, a cabecinha sob a aza sensitiva e nostálgica de repouso...

Os olhos alongam-se-lhe tristemente na visão das folhas que soluçam e rumorejam despedidas ao regaço das arvores-mães inteiriçadas de frio e abandono, pelas alamedas, onde o vento gira o ciclo dantesco dos destinos incognoscíveis.

E nas radículas mais subteis e profundas da sua sensitividade exquisita de príncipe moço e moribundo, lá onde os Sentidos se dão as mãos, em ronda musica, aureolados da percepção divina das coisas — o Outono presente a vinda roadôra e assombreada do Inverno. E tem caprichos de doente. Irrita, importuna, ergue as mãos em arripios dolorosos e lá se envolve, longe, ao longe, nas cinzas da paisagem. De onde a onde, volve-nos um olhar de compassiva alegria, mas lê-se nesse olhar o riso melancólico e desmaiado de quem morre a sorrir e morre cedo. E espirra e tosse, em arrancos, em espasmos e a tosse rouca e soturna ecôa longamente nas abobadas do tempo e conjuga-se á harmonia sinfónica do Inverno que marcha em comitiva funebre. As tardes são invasões de sombras, peliças, plumas e franjas ao vento.

E o Outono é cheio de graça na atitude agónica que lhe compõe as mãos em cruz no peito. O Outono morre em encantamento.

E nós sorrimos e entreolhamo-nos saudosos ao vel-o morrer tão docemente...

A Cidade atafala-se de lãs e panos caros para não morrer da sua morte, sobre o seu lado.

Foi numa destas frias e caprichosas tardes de outono, á hora em que as nossas elegantes começavam a passear pela brisa, os seus narizinhos friorentos — roxos sob o disfarce tenue da *veloutine* — que o telegrafo, num trémulo inexorável, nos comunicou a noticia do assassinato de D. José Canalejas. A noticia vibrou repentina, e inesperada, em todas as direcções, pela cidade. Os jornaes expuzeram pressurosos, nos *placards*, lacônicos os successivos telegramas. A voz correu de bôca em bôca, e um relampago de curiosidade e espanto fâscou de olhar para olhar, na pulsação forte dos grandes momentos.

Mas — ousamos dizel-o — a dôr sentida não foi tão persistente e absorvente que trapejasse de vus funebres a alma fria e egoista do alfacinha.

E passou...

Na verdade, para quê semear de flôres, de lagrimas e lamentações inuteis a memoria dum Homem como Canalejas que morreu, firme e simpatico no seu pôsto de guerra?

Sim, o vacuo que a sua morte produziu na política interna do reino vizinho, é grande, difficil, mas não absolutamente impossivel de preencher.

E estudioso, ponderado, e elegante de espirito, engenheiro sabio da complexa engrenagem política de Espanha, Canalejas soubera já, sem duvida, que da trama espessa das consolações e contrariedades da sua vida, seria compensado com usura no repouso intangivel da morte e olvido.

Para que lamental-o, pois?

Ha dias, um pobre diabo inofensivo, doido pensionado em Rilhafoles, ao ver me, por acaso, correu a apresentar-me sollicitos cumprimentos. Inclinar sobre a orelha esquerda o seu comprido gôrro de pano pardo e caminhava na attitude imponente dum marechal. Ao referir-me á sua saude, o doido teve um gesto bonito de enfase e languidez:

— Ah! meu caro senhor... Isto vai mal.

— ?!

— Sôfro uma doença incuravel de que fatalmente morro. E' horrivel!

— Que doença? ..

— A doença de viver. Desde que nasci, tenho de morrer por fatalidade.

Esta filosofia baratinha exposta, assim, pitorescamente, por um pensionado de Rilhafoles, não a regeitamos nós, em essencia, nem a regeitaria, indubitavelmente, o altissimo bom senso de Canalejas.

Entretanto, é natural e da mais trivial diplomacia, que se lance, de todos os cantos do mundo, sobre o feretro daquelle Carcassa, flôres, ás mancheias, de magoado sentimento e grinaldas de panegiricos.

Os soberanos estremeceem nos tronos e anu-viam, a subitas, as frentes duma lutuosa meditação. A morte do *homem*, nada importa. A perda do seu poderoso espirito será facilmente vencivel. Mas é que daquela retorta fúnebre alteiam-se agoirentamente fumos sombrios que traçam lêtras tenebrosas e ameaçadoras nos horizontes das suas visualidades. E por isso os soberanos estremeceem e o papa inclina a frente em murmurosa prece.

E por isso todos os gabinetes de governação se dão, nest'hora, as mãos em solidariedade e fraternidade.

E tambem o nosso parlamento, escancarado de fresca data, se associou, em dolorida sessão, ao côro de lamurias que esvozeia indefinidamente por todo o orbe civilisado.

blica Portuguesa — congratulações e manifestações de regosijo se fizeram entusiasticamente nas duas casas do parlamento. E o nosso venerando Presidente — Sr. Dr. Manuel d'Arriaga — foi apresentar, em nome do povo português, cordeais felicitações, ao fraterno povo brasileiro, nas pessôas da officialidade do *Benjamin Constant*. E bôcas em braza estrugiram em *vivas* vehementes e os canhões salvaram de momento na confirmação gigantesca do aplauso. A tripulação passou em contínuo e os pavilhões erguidos agitavam-se num trémulo comovido á brisa da tarde outonice. Na camara do comandante, o *Champagne* foi servido e sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Presidente Arriaga levantou a sua bela cabeça de poeta, falando de mar e sonho e de harmonia social...

Os estudantes do liceu central de Castello-Branco — consoante me diz alguém dessa cidade — esboçaram um gesto belo de cólera, protestando em massa, contra a expolição irrisante que se tentara fazer, a favor do Museu Machado de Castro, de Coimbra, de objectos artisticos do seu Paço Episcopal.

Não conhecem os nossos presados leitores a cidade de Castello Branco?

Seria tentado a aconselhar-lhes uma visita de dias a essa pequena cidade de provincia, se eu não temesse molestal-os — na alma, apresentando-os numa convivencia estranha de gente bisonha, suspicaz e mal-avinda — no corpo, aboletando-os em hotéis de minimos requintes culinarios e passeiando-os em ruas ladeiradas, tortuosas e ingenuamente calcetadas. De resto, é uma cidade limpinha, de aguas levissimas e purissimos ares. Tem bonitas vistas e maravilhosissimos trechos de ceu, ao pôr do sol.

Dantes era deveras interessante.

Dos longes indefinidos dos seus horisontes, erguiam-se vagamente, tenuissimas poeiras de lendas que as avósinhas, de olhos sonambulos, explicavam, dobando a estriga, á lareira, pelas noites de inverno...

Pelos campos de redór, havia clareiras agoirentadas de bruxedos onde um ou outro noctambulo apavorado, de regresso ao casal, tinha visto fogueiras rubras vislunbrando sombras demoniacas...

Ao thantar da meia noite, lá subia do seu encantamento, no fundo profundo do poço episcopal, o menino de calção vermelho e lá assomava ele á amurada, bailando e cantando entontecendo tardivagos.

Dantes era deveras interessante.

A Civilisação marchou lentamente, seguramente, sobre aquella terra de encantamentos, devastou sarças, invadiu clareiras, deslumbrou a jorros electricos cavernas de misterio, cavou nas suas entranhas poços artesianos, conspurcou ironicamente de penachos fumosos o silencio exactico daquela paisagem e as aves de magia que faziam ninho e gorgejavam nas franças dos herculeos e magnanimos sobreiros da Beira, ergueram vôo, pairaram e desapareceram para sempre nos longes cinereos da Distancia...

Hoje é uma cidade pacata, de casas baratinhas e ares riquissimos e paisagens de maravilha.

Depois das guerras-liberais, esbracejaram sobre a Beira aventureiros gananciosos, alevantaram um pavilhão alto de caciquismo intangivel, e resugaram na e resequiram-na. E com a malfadada Beira-Baixa, a sua capital — Castello-Branco.

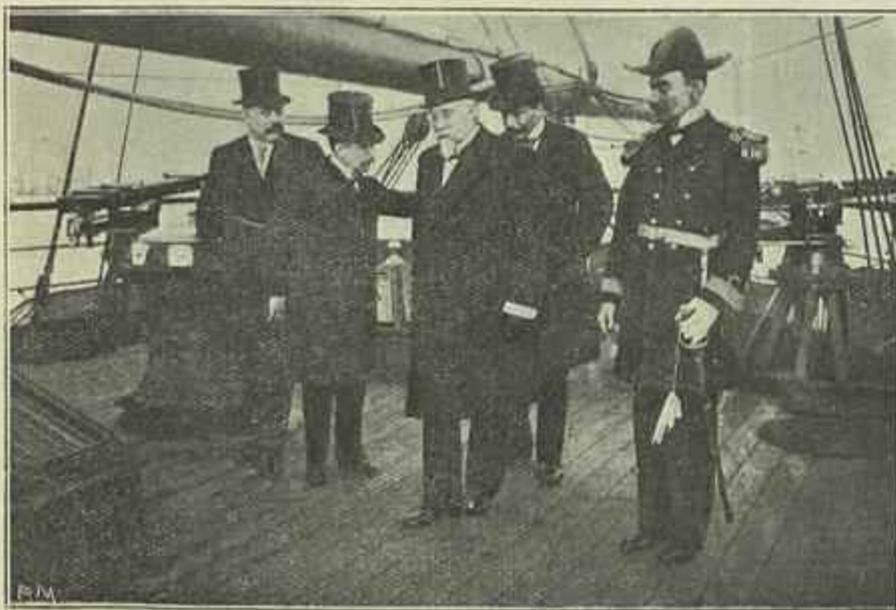
E assim, mirradinha e malamparada, ela tropou até hoje, desde então.

Quanto a objectos de arte, o desleixo foi absoluto, somente desculpavel pela ignorancia crassa e estúpida dos seus donos.

O Palacio Episcopal — com os seus preciosos panos de arrás, e curiosos retabulos do seculo XVI e magnifico jardim, traçado elegantemente, ao geito de Italia, do seculo XVII — foi lorpamente abandonado ao tempo e á furia vandálica dos profanos.

Uma preciosa ermida, distante da cidade duas leguas, — a ermida da Senhora de Mercules — é de vez em quando entregue á brocha caprichosa dum caiadôr de rebôco. O seu elegante portal gotico é, ás vezes, de tal modo e tão grosseiramente pintalgado, que a veneranda capelinha chega a parecer uma loja de tinturaria. E assim — o mais!

Agora, o sr. Gonçalves, directôr do Museu Machado de Castro, de Coimbra, penalizando-o, sem duvida, o descarinho quasi peninoso com que eram tratados os poucos, mas incontestavelmente preciosos objectos de arte de Castello-



SUA EX.<sup>a</sup> O PRESIDENTE DA REPUBLICA A BORDO DO «BENJAMIN CONSTANT»,  
ACOMPANHADO DOS SRS. MINISTROS DOS ESTRANGEIROS, DA MARINHA, E MINISTRO DO BRASIL,  
RECEBIDOS PELO COMANDANTE SR. MOURÃO SANTOS

O alfacinha ergueu por um momento os olhos dalguna elegante atáxia de vitrina chic, á escrevinhura hieroglífica do *placard*, reteve por um momento a atenção e repousou a, emfim, e refestelou-a com gula em algum corpo de manequim carnoso e ambulante, que pairava sobre a calçada, envolto em peliças, e empenachado de plumas, ao alto, em catavento, sobre o chapeuzinho de inverno...

Isto, porém, não implica que chegado o dia 15 de novembro — dia do aniversário vigessimo-terceiro da Republica Brasileira — o nosso bom povinho não o festejasse e celebrasse, afervorado de entusiasmo, na rua em festa, no teatro em borborinho, e no rio, á noite, em graciosas arcaarias de luz esmerilhando a prata fosca e tosca das aguas.

Por parte dos altos representantes da Repu-

Branco, do sr. Ministro da Justiça requisitou os para o seu Museu.

E — concordemos — a requisição seria justa — se a cidade permanecesse idiotamente, como até hoje, nessa indiferença crudelíssima pelo seu patrimonio artistico.

Mas meus caros amigos — tempos decorreram. E a cidade, ao ver-se expoliada, ergueu-se num assômo, em colera que era já no momento amôr desperto, e jurou, em consciencia, prohibir categoricamente, pelo protesto, reclamação, apuro e ameaça, que lhe arrancassem do seio a sua pertença legitima e incontestada.

Este gesto redimiu a cidade do seu arripiante crime de seculos!

ANTONIO COBEIRA.

## PELO MUNDO FÓRA

### Notas d'um curioso

#### Morte do presidente do conselho de ministros de Espanha

No dia 12 do corrente o telegrapho annunciou por toda a parte a morte cobarde e traiçoeira de D. José Canalejas, presidente do conselho de ministros de Espanha, e uma das figuras de maior destaque d'aquella nação e mesmo da Europa, attendendo ao seu papel preponderante na acção diplomatica dos ultimos tempos.

Às 10 horas da manhã d'aquelle dia o sr. Canalejas sahia de casa para presidir a uma reunião dos ministros na Puerta del Sol, onde está o ministerio do interior. Como de costume, fazia o trajecto a pé, não obstante as prevenções anonyms de que se planeava eliminá-lo violentamente; ao chegar a uma livraria estabelecida á esquina da calle Carretas, parou para vêr as novidades litterarias. Approximou-se então do presidente um individuo que fez fogo sobre elle quatro vezes.

Canalejas cahiu logo morto, pois que a primeira balla entrara-lhe por detraz da orelha, destruindo-lhe o cerebro.

O assassino pretendeu fugir, mettendo-se por entre as carruagens; mas um dos agentes que seguiam o presidente vibrou-lhe uma bengalada na cabeça. Vendo-se perdido, disparou contra si o mesmo revolver com que assassinára Canalejas. Chamava-se Manuel Pardiñas Sarrato, de 28 annos, natural de El Grado, provincia de Huesca, de profissão pintor decorador.

Esteve em Lisboa por occasião do 28 de Janeiro, occultando-se durante 43 dias na casa de um amigo morador na rua da Bica de Duarte Bello. Pouco depois foi expulso, indo para os Estados Unidos. Residiu em Paris e Bordeaux, sendo constantemente vigiado, o que não o impediu de consummar o seu nefasto intento.

D. José Canalejas nasceu no Ferrol, Galliza, em 31 de julho de 1854; era filho de D. José Canalejas y Casas, engenheiro industrial. Dotado de intelligencia viva e precoce, traduziu do francês, quando tinha apenas 10 annos, uma obra intitulada *Luis ou o joven emigrado*. Cursou com distincção a Universidade de Madrid, formando-se em philosophia e letras, faculdade de que foi nomeado cathedratice auxiliar em 1872.

Ainda estudante, entrou no jornalismo, fundando *La Gaceta Escolar* de collaboração com D. Angel Polido, D. José Ruiz Gomez, actual consul geral de Espanha em Portugal, D. José Pantoja, mais tarde marquez de Cienfuegos, e Felix Coytel. No congresso escolar promovido pela *Gaceta*, representou Canalejas a faculdade de direito romano, fazendo discursos admiraveis que o elevaram á categoria de orador distincto.

Nomeado secretario geral dos caminhos de ferro de Madrid, Caceres e Badajoz, de que seu pae era director, Canalejas teve que sustentar uma lucta formidavel de que triumphou, contra a companhia de Madrid-Saragoça.

As suas ideias politicas, manifestou-as pela primeira vez nas discussões do Atheneu Litterario e Scientifico de Madrid e da Academia de Jurisprudencia.

Canalejas, como Crispi, começou por ser republicano democrata, em cujo periodico collaborou assiduamente. Discordando, porém, da orientação do partido, Canalejas abandonou os democraticos em 1880, para se filiar no grupo de que era chefe Christino Martos, um dos maiores vultos politicos da Espanha. Em 1881 entrou pela

primeira vez no Congresso como deputado por Soria.

O partido liberal, que para Canalejas parecia conciliar os principios monarchicos com as ideias democraticas, foi o campo em que elle se revelou como grande parlamentar, especializando-se em assumptos militares numa discussão com o ministro da guerra. Quando em 1887 foi repre-



D. JOSÉ CANALEJAS

sentante em Algeciras, o Congresso elegeu-o presidente da commissão de reformas militares. Antes d'isso já havia exercido o logar de secretario da presidencia do conselho de ministros e de vice-presidente do Congresso. Em 1887, aos 33 annos, era ministro do Fomento, prestando nessa pasta signalados serviços á agricultura. Em 1889 sobraçou a pasta da Justiça e em 1895 a da Fazenda, no ministerio Sagasta.

A 9 de fevereiro de 1910, D. Affonso XIII investiu Canalejas na successão de Moret á presidencia do conselho de ministros. Começa então essa lucta gigantesca contra elementos irreconciliaveis; d'uma parte a revolução sempre ameaçadora sob os aspectos republicano, socialista, anarchista, carlista e catalão; da outra, o clericalismo official, apoiado e secundado pelo Vaticano. Esforçando-se para manter a tolerancia completa dos cultos dissidentes e procurando limitar as ordens religiosas monasticas creadas em opposição ás leis do reino, Canalejas encontrou pela sua frente a resistencia inflexivel do cardeal Merry del Val, cuja influencia se não limita á politica pontifical, mas procurou sempre exercer-se no partido clerical espanhol.

E' de notar que Canalejas, não tinha nada de jacobino nem de scetario. Escriptor distincto, revelado pela sua *Historia da litteratura italiana*, tinha-se esclarecido no culto das bellas letras, e na camara defendeu um dia as suas ideias de catholico verdadeiramente crente e respeitoso para com a Santa Sé. Mas pugnou pela supremacia do poder civil, obrigando o clero a submeter-se ás leis do Estado.

A attitudé ao mesmo tempo firme e moderada de Canalejas desarmou os partidos revolucionarios, sempre ameaçadores, e que teem, por vezes, produzido grande agitação na Espanha. As recentes *greves dos ferro-viarios*, que á habilidade e o tacto politico de Canalejas conseguiu dominar, deram uma prova frisante do espirito revolucionario que lavra naquella nação e que foi a causa determinante da sua morte.

O sr. dr. Augusto de Vasconcellos, actual ministro dos negocios estrangeiros, ao fazer na Camara dos Deputados o elogio funebre de Canalejas, cujas qualidades de caracter e de intelligencia teve occasião de apreciar durante a sua permanencia junto da côrte de Madrid, na qualidade de ministro de Portugal, proferiu estas palavras que me parecem bem dignas de figurar nesta revista para serem largamente meditadas:

«Um crime como este, que levanta a reprobación universal, um crime que a nada mais pode visar do que ao aniquilamento de uma grande individualidade, é com certeza a obra de um al-

lucinado que não sabe vêr além das estreitas fronteiras da sua obsessão.

*Cuidem porém os homens publicos, quando excitam as paixões populares contra aquelles que occasionalmente exercem funções de governo e nellas procuram servir honradamente o seu país, de serem mais moderados e mais justos. Porque é no exaggero da critica e na desproporcionalidade das apreciações, cahindo em cerebros doentios, que se filiam muitas vezes estes desastrosos attentados.»*

Canalejas notabilizou-se pela forma como dirigiu as delicadas negociações com a França acerca de Marrocos, cujo exito muito contribuiu para a popularidade do systema monarchico democratico, consolidando o throno de Affonso XIII, que a grave questão Ferrer, tem tornado algo periclitante. Por causa d'ella subiu Canalejas á presidencia e por causa d'ella (é mais que certo) perdeu a Espanha um dos seus homens mais illustres.

#### A guerra nos Balkans

Essa grande calamidade do Oriente continua produzindo seus horribes efeitos, se bem que o morticinio pelas armas tenha decrescido, porque parece estar preparado um armisticio, pedido pela Turquia directamente aos estados colligados.

A' acção mortifera dos armamentos de varias especies inventados pelo genio humano para sua propria destruição, veio alliar-se esse outro flagello, a cholera, que vae dizimando turcos e bulgaros, sem distincção de castas nem de religiões. O numero de casos diarios sobe já a mil em Constantinopla e nas immediações. Deram-se pois ás mãos a peste, a fome e a guerra!

Quando cessará tanto horror! Entretanto, vamos respigar alguns acontecimentos mais notaveis d'esta lucta.

A grande batalha de Lule-Burgas deu aos bulgaros toda a Thracia, com excepção de Adriano- pla, que ainda resiste. Uma suprema barreira, a linha fortificada de Tchaldja, que parece ter sido rompida pelos bulgaros, e sobre a qual se concentravam desordenadamente as tropas turcas, vencidas, d'Abdullah-pachá, — eis a unica protecção da capital do imperio ottomano.

Vejamos o que sobre a grande victoria bulgara, nos diz o correspondente do *Daily Telegraph*, o sr. E. Ashmead Bartlett, que esteve nas linhas de fogo, junto do generalissimo turco, e que com verdadeira precisão historica reconstitue as diferentes phases d'esse gigantesco *corps à corps*, desde os primeiros combates até á derrota final do exercito ottomano, conhecida já pela designação do *Sedan turco*:

«Depois da queda de Kirk-Kilisse, o exercito bulgaro, seguindo as tropas ottomanas que se reorganisavam na segunda linha de defesa, formou em duas columnas, na extensão d'uns sessenta kilometros. Uma tinha por objectivo Baba-Eski, e a outra, Lule-Burgas e Viza. A columna dirigida sobre Baba-Eski tinha por fim occupar o mais depressa possivel essa posição, a fim de permittir a sahida das tropas vindas de Adriano- pla. Foi esta a primeira parte do plano bulgaro. Lule-Burgas foi tomada graças á intervenção das forças que vieram de Adriano- pla sob o commando do general Ivanof.

O quartel general do commandante do exercito turco estabeleceu-se a sudoeste de Lule-Burgas, na povoação de Sakiskoi. Já antes a cidade e a gare de Bunar-Hissar haviam sido occupadas pelos bulgaros, que iam fusilando os turcos intrincheirados um pouco para traz, num planalto que domina a cidade. A acção, por outro lado, estava travada em toda a linha de Lule-Burgas a Turkbei e Burnar-Hissar, onde tres corpos do exercito ottomano combatiam contra tres corpos do exercito bulgaro. A' offensiva do general bulgaro, succederam-se contra-ataques turcos até ás 6 da tarde de 29 de outubro. Nesse momento, o combate estava indeciso, mas, extenuadas as tropas d'ambos os lados, cessaram as hostilidades.

No dia seguinte recommçou a lucta. Abdullah-pachá reconhecia a sua inferioridade, dispondo de tropas esfomeadas (os turcos bateram-se durante tres dias sem comer) e com a artilharia desprovida de munições; mas contava estabelecer o equilibrio com a forte offensiva que o chefe do terceiro corpo ottomano, Mahmud Muktar, chegado de Viza, devia dirigir sobre Bunar Hissar, ao mesmo tempo que o secundaria um ataque de flanco, executado por uma divisão ottomana da Asia Menor e que desembarcara em Midia. De facto, essa offensiva, dirigida com grande energia por Mahmud Muktar, impaciente por tirar a desforra de Kirk Kilisse, conseguiu abrir



A GUERRA DOS BALKANS — A ARTILHARIA DOS MONTENEGRINOS

as columnas bulgaras, ganhando vantagem sobre o inimigo durante algumas horas. Abdullah pachá pôde esperar que o seu logar-tenente repelisse a ala direita do inimigo e levasse aos outros corpos ottomanos o auxilio das suas forças, que

naquelle dia 30 eram esperadas com anciedade igual á do exercito de Grouchy em Waterloo. A meio da tarde d'esse dia, Mahmud Muktar tinha a certeza de não poder continuar por mais tempo o seu movimento offensivo.

Abjullah, por seu lado, sentia-se tambem incapaz de resistir ao choque bulgaro e teve que abandonar todas as suas posições.

Esta retirada tornava obrigatoria, no dia seguinte, a do terceiro corpo, cuja esquerda, des-

### Visita da officialidade do «Benjamim Constant» á Batalha



OS EXCURSIONISTAS NO CLAUSTRO DE D. JOÃO I, NO CONVENTO DA BATALHA

coberta, se arriscava a ser alcançada. Os turcos abandonaram portanto o terreno de todos os lados, vigorosamente perseguidos pelos bulgaros que encheram de horrivel panico essa massa desorganizada, sem viveres, sem transportes e sem ambulancias, e cuja retaguarda, attingida a leste de Tchoru, foi impellida na maior desordem para as linhas de Tchaldja.

O exercito turco da Thracia perdeu neste combate formidavel, com o maior numero de seus officiaes, quasi todo o material de guerra.

Segundo as ultimas noticias, relativas á posição dos bulgaros para a investida da Tchaldja, vê-se que o terceiro exercito bulgaro, do commando do general Dimitrief, attingiu a região a sudoeste do lago de Derkos, occupando Tarfa e Kaifakeui, e dirigindo-se por Lazarkeui para o ataque de Deljunus, Dagienidze, Tchanaktcha, na vertente do valle do Kara-Dou, dominado pelas fortificações dispostas em volta de Yas-Diren.

O segundo exercito, commandado pelo general Kutintchef, estava a oeste da povoação de Tchaldja e preparava-se para atacar, pelo norte e pelo sul d'essa villa, o centro das linhas turcas, entre Akbunar e Bahtcheis Tabja, ao mesmo tempo que duas columnas independentes acompanhavam esse ataque pelo sul: uma dirigindo-se de Yenitze para Buyuk-Tchekmedje, outra seguindo mais pelo littoral.

Os dois exercitos bulgaros perfazem um total de 100:000 homens, o necessario para romper uma linha de fortificações que não excede 30 kilometros e que num terço, pelo menos, da sua extensão — o curso inferior do Kara-Su — está coberta pelas inundações. No que respeita a artilharia, possuem os bulgaros o modelo Krupp antigo e o moderno Schneider-Canet, podendo ainda receber reforços de Adrianopla, quando esta praça se render, o que não está ainda confirmado.

A grande victoria bulgara de Lule Burgas representa o triumpho do general Savof, commandante em chefe do exercito do rei Fernando.

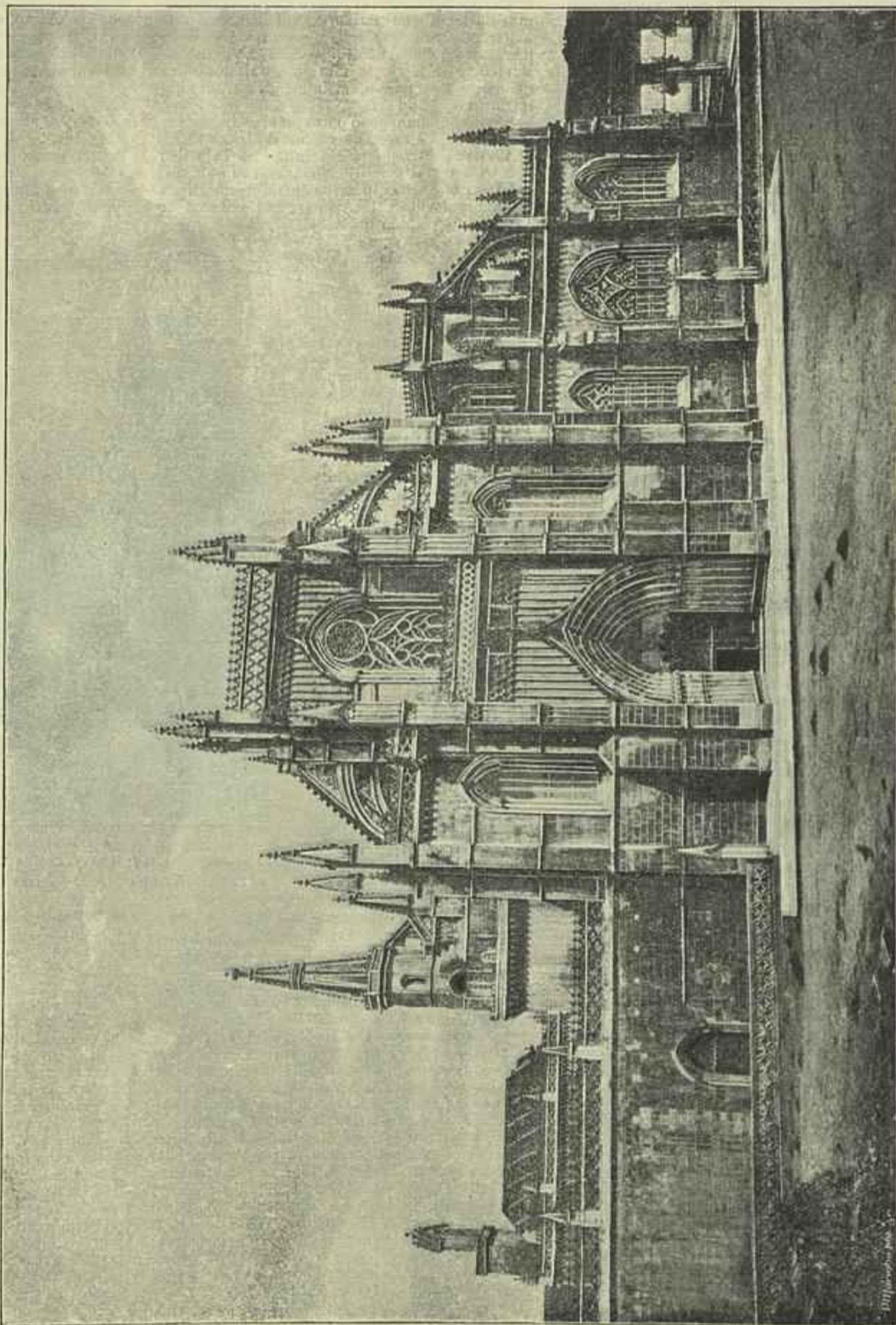
Savof, revelou-se um grande organisador militar, desde 1885. Fez parte do ministerio Stambulof de 1891 a 1897, na pasta da guerra, que voltou a sobrecarregar de 1904 a 1909, nos gabinetes de Petkof e Ghegadief, sendo considerado o verdadeiro creador do exercito bulgaro. Durante os sete annos que separaram os dois ministerios, commandou a divisão de Chumba, citada como modelo, passando depois a dirigir a escola de guerra de Sofia. Durante o segundo ministerio, Savof, gosando de inteira confiança dos collegas, e certo de que a guerra era inevitavel e que urgia preparar o exercito, refundiu a lei militar, transformando, no sentido litteral da palavra, a Bulgaria em nação armada. Assim, com uma população utilisavel de tres milhões e meio de bulgaros obteve um exercito de 300:000 homens, tendo-se apresentado á ultima hora mais 100:000!

Savof renovou e augmentou o armamento, fa-

zendo largas aquisições de canhões Creusot, que transportou secretamente pela Austria. Excedeu porém os creditos auctorizados, cahindo-lhe em cima os clamores dos exaltados, que o accusaram, bem como os seus collegas stambulofistas, de ter comprometido as finanças publicas.

guerra. Durante esse tempo estudou a fundo o terreno onde ia operar e conhecia-lhe todos os recantos, executando o seu plano com tal rapidez que, em menos de tres semanas, levou os seus soldados ás portas de Constantinopla.

Os bulgaros para solemnizar a victoria de Kirk-Kilisse, celebraram um *Té-Deum* na igreja de



VISTA GERAL DO CONVENTO DA BATALHA, VISITADO PELA OFFICIALIDADE DO «BENJAMIN CONSTANT», EM 16 DO CORRENTE

Foram todos accusados criminalmente!

Savof produziu discursos extraordinarios que fizeram hesitar os seus mais encarnicados inimigos. Mas a breve trecho, elle e seus collegas eram accusados de concussão, pelo que iam ser julgados quando estalou a guerra.

Savof, accusado de concussão, ouve o rei Fernando que o chama para lhe entregar o commando d'esse exercito, que ha vinte e cinco annos elle tão habilmente vinha preparando para a

Stara-Zagora, o quartel general do estado-maior. A essa imponente cerimonia assistiu o rei Fernando, acompanhado dos principes Boris e Cyrillo, dos seus officiaes e de todos os addidos militares estrangeiros.

Adrianopla tem resistido heroicamente á investida dos bulgaros, que não desistem de demolir esse baluarte ottomano, que será talvez o *ultimum moriens* do colosso turco. E' curioso o relato do aviador russo Efimof, encarregado pelos bulga-

ros de dar um passeio por cima da cidade, a 1:307 metros:

«Fôram necessários 40 minutos para ir de Mustaphá-Pachá a Adrianopla, uma distancia de 35 kilometros. O meu aparelho estava velho, sendo muito difficil a subida. A 4:000 pés deixei cahir uns manifestos sobre a cidade (nelles se aconselhava o governador a render-se). No forte Karagach divisei grande numero de soldados que atiravam para o ar. Não ouvi as detonações, mas quando vi que quatro ballas me haviam furado o aparelho, comprehendí immediatamente qual o objecto do tiroteio. Sem perder o sangue frio, fui continuando o vôo; o aparelho porém recebia mais projecteis; a situação tornava-se critica. A cada instante via-me na necessidade de descer. Preparei o revolver na intenção de matar-me de preferencia a cahir nas mãos dos turcos. Felizmente, as azas do aeroplano não fôram atingidas e o motor funcionava bem, de modo que em 20 minutos estava de volta a Mustaphá Pachá, onde o aparelho foi reparado.»

Na Macedonia, o exercito do Vardar, commandado por Zekki, depois da batalha de Kumanovo dirigiu-se a Monastir, na ideia de poder ser soccorrido pela Albania, contra os servios, cujo exercito conta 80:000 homens, ao passo que Zekki só tem 40:000.

Mas aquelles teem grande difficuldade em avançar por causa da inclemencia do tempo e da difficuldade de reabastecimento. E' curioso que a Albania em agosto ultimo se erguia arrogante contra a Turquia, que agora tem nesta região um apoio valioso contra a investida do inimigo.

A Albania constitue um dos pontos da discordia entre a Austria-Hungria e os Balkans, porque, ao passo que aquella, d'accordo com a Italia, exige a sua autonomia, os Estados colligados reclamam o fraccionamento do seu territorio, defendendo o lemma — *os Balkans para os povos balkanicos*, e combatendo o outro principio — *a Albania para os a'baneses*.

A Servia insiste por um porto no Adriatico, mas a Triple Alliança obrigou a a evacuar Durazzo e S. João de Medua.

Os srs. Asquith e Poincaré teem em seus discursos procurado conciliar os interesses das potencias. O presidente de conselho da França disse ha dias:

«Que se de tantas vontades sinceramente empenhadas na conservação da paz pudesse sahir uma guerra, a mais terrivel sem duvida que jámais houvera desabado sobre a Europa, seria um desafio ao bom senso universal, á civilização e á humanidade.»

Entretante os marinheiros dos numerosos navios estrangeiros ancorados no porto de Constantinopla preparam-se para desembarcar, a fim de protegerem a cidade. Os jovens turcos querem fazer a revolução, e são presos.

Hakki Babanzade e Hilali Osmani, fogem. Os jornaes *Tanin* e *Sabah* pregam a guerra de religião, á voz de de Cheik-ul-Islam, e são apprehendidos.

A cholera avança horrivelmente. Que fim d'imperio!

Lisboa, 18-11-012.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



## O «Benjamin Constant» no Tejo

À excursão ao convento da Batalha oferecida pela Associação Commercial de Lisboa

Pela terceira vez se encontra no Tejo o *Benjamin Constant*, em viagem de instrução pela Europa. E' um bellissimo navio da marinha brasileira, a qual nos ultimos anos tem aumentado consideravelmente a sua armada com os melhores vasos de guerra que a construção naval está produzindo, como ainda não ha muito se viu no Tejo o formidavel couraçado *S. Paulo*, que reúne tudo que de mais moderno apresentam hoje essas fortalezas fluctuantes que cruzam os mares do velho ao novo mundo, impávidos da sua força.

A presença, no Tejo, do *Benjamin Constant*, foi um acontecimento em Lisboa; aquele navio trazia a este velho continente um punhado de filhos do Brasil, da flôr da sua mocidade que se adentra para as lutas do mar, corda vibrante da alma portugueza, essa mocidade que se apresta para a defeza da patria, que ela não pôde amar mais do que este velho lobo do mar ama tambem a sua.

Bemvindos, pois, heroes do Ypiranga, á patria de Camões, de Albuquerque e Gama, que tam-

bem é vossa, porque sois sangue do nosso sangue, pedaços da nossa alma.

Nas aguas do Tejo em que hoje se embala o vosso navio alteroso e forte, nelas se embalaram as pequenas naus e caravelas que ha quatro seculos dele partiram e singraram «Por mares nunca d'antes navegados» a patentear em vos ao velho mundo, lá desse paraíso terreal onde vivieis. E uma nova e grande familia se formou, com o esforço da «forte gente»; fundas raizes se embeberam na terra e se criaram no coração e, quando a natural evolução dos tempos vos deu a independencia politica, não foi para nos apartar, mas sim como o filho que toma o seu destino, sem que por isso os paes o amem menos e antes rejubilem se o vêem feliz.

E assim é que o povo portuguez recebe sempre com alvoroço e carinho os filhos do Brasil.

A estada do *Benjamin Constant* no Tejo, deu motivo a varias festas em honra da sua officialidade e entre estas, uma das mais significativas, foi a promovida pela Associação Commercial de Lisboa, no passeio que lhes ofereceu ao convento da Batalha, esse monumento duplamente glorioso da nossa historia politica como da arte portugueza.

E por um amavel dia de outono, o ceu de lindo azul e um sol acariciador, a loco motiva ofegante, vencendo distancias, tão rapida como no espaço se perdiam as lufadas de fumo que expelia, correu por esses campos fóra desenrolando á vista surpreendentes panoramas, deliciosas paisagens, pelos frescos vales, a vegetação ainda alfofrada do orvalho da madrugada, e por ali, por ali, os camponeses lavrando a terra, varejando a azeitona, apascentando os rebanhos pelas encostas, toda uma vida da natureza, no encanto da sua paz.

E o comboio ia correndo rapido, na velocidade de 70 kilometros á hora, enquanto os passageiros se deliciavam no lindo quadro que perpassava ante seus olhos.

Duas belas carruagens do comboio transportavam os excursionistas, comandante do *Benjamin Constant* capitão de fragata sr. Morão dos Santos e officiaes capitães-tenentes: Cordeiro Guerra, Antonio Bardy, Almeida Magalhães, Lindenberg Rocha e Marques Pereira; 1.º tenente, Veloso Pederneira; 2.º tenentes, Barbosa Lima, Antonio Guimarães, Alves Camara, Cerqueira Daltro, Edmo Gandara e Paula Ramos; guardas-marinhas: Matos Costa, Moniz Guimarães, Jorge Wishait, Leoncio Martins, Newton Barroso e Nelson Andrade; srs. dr. Veloso Rebelo, encarregado de negocios do Brasil; Artur Teixeira de Macedo, consul geral do Brasil; dr. Fernandes Costa, ministro da marinha; Henrique de Mendonça, presidente da Associação Commercial de Lisboa e directores da mesma srs. Alberto Macieira, Francisco Barreto, Mario de Carvalho, Manuel Botica, Inácio de Magalhães Basto, Vitor Guedes e Manuel Antonio Dias Ferreira; da Camara Municipal de Lisboa os engenheiros srs. Melo de Matos e Vasconcelos Correia; da Propaganda de Portugal, sr. Padua Franco; o arquiteto Rosendo Carvalheira, Tomé de Barros Queiroz, Luis Barreto e jornalistas representantes da imprensa, etc.

A unica paragem que houve foi nas Caldas, onde o sr. administrador do concelho se encontrava na estação, com o presidente da camara, membros da Associação Commercial Caldense e a filarmónica da vila, executando a *Portuguesa* e sendo levantados vivas ás republicas do Brasil e de Portugal, repetidos com o maior entusiasmo.

O comboio seguiu ainda ao som do hino, cujas ultimas notas se perderam na distancia.

A recepção á chegada a Leiria não foi menos festiva, pelas autoridades da cidade, officialidade de infantaria 7, Associação Commercial, estudantes do liceu, povo e filarmónica.

De Leiria seguiram os excursionistas em trens até á Batalha, acompanhados, em automovel, pe-

los alunos do liceu srs. Ernesto Marques Leitão, José Soares, Jacinto Pereira, Rodrigues de Abreu, João Avelar, Virgilio Moura e José da Cunha Mafra. Atravessaram a cidade por entre as aclamações do povo, e pelo ar estalavam os classicos foguetes dos dias festivos.

E' linda a estrada que conduz á Batalha, ora ladeada de densos pinheiras rumorejantes, erguendo suas agulhas até ao ceu, ora descobrindo vastos campos e panoramas de aldeias distantes, onde a casaria branqueja por entre o verde escuro das tortuosas oliveiras. Assim segue o caminho coleando em suaves ondulações do terreno, até que de repente se descobre á vista, primeiro os topos dos corucheus rendilhados do grande monumento de D. João I, e logo, ao completar a volta, se apresenta todo o edificio, envolto nas finas renhas de pedra que o adornam como o custoso manto de uma rainha.

Mas se a sua exteriorisação atrai o visitante, mais o encanta e enleva, quando transpõe o lindo portico ogival. A grandesa e a arte do



NO ALMOÇO, NA BATALHA, O COMMANDANTE SR. MOURÃO DOS SANTOS, FAZENDO O SEU BRINDE. À DIREITA O SR. HENRIQUE DE MENDONÇA

minam, como domina o espirito o misticismo que se impõe.

Mas como poderemos agora divagar pelo maravilhoso monumento se não é esse o proposito d'estas linhas, apenas destinadas a registar a visita da officialidade do *Benjamin Constant* ao convento da Batalha.

E' o arquiteto sr. Rosendo Carvalheira o intelligente cicerone que ilucida os visitantes; é um artista, um poeta que diserta sentindo bem toda a grandiosidade e beleza da arte que inspirou aquella obra monumental. Ele transporta os seus ouvintes á época em que foi feita, faz resaltar toda a harmonia daquele conjunto e todas as minuciosidades de que se compõe aquella mole tão solida quanto delicada, que mal se comprehende como tem resistido a seis seculos que sobre ela tem passado.

E' a igreja com as suas tres naves elevando as abobadas arrogantes a uns 33 metros de altura; são as capelas, em cuja principal se vêem juntos os tumulos dos reis Dom Duarte e Dona Leonor; pelo recinto espalha-se uma luz suave que vem das elevadas janelas de ogiva perfeita e passa atravez dos vitraes coloridos representando cenas da Paixão. Passa-se á Capela do Fundador, ao centro da qual se ergnem os tumulos de D. João I e D. Filipa de Lencastre, cujas estatuas repousam sobre os sarcofagos; em volta da capela, sob arcos vasados nas paredes, estão os tumulos dos principes daquela feliz progene, em que se conta o do grande infante D. Henrique.

Rosendo Carvalheira continua a sua preleção em que tem rasgos de eloquencia e se entusiasma pondo em relevo os primores da arte que envolve toda aquella pedra rendilhada, toda a

elegancia da arquitetura. Vamos á casa do capitulo, feita ainda em vida do fundador, cujo portal e janclas são da mesma rara elegancia do puro ogival. Mas o tempo escasseia e entremos no claustro real, pois ainda foi começado em vida de D. João I. E' vasto e os seus arcos são outras tantas maravilhas pela belesa dos arrendados de pedra que preenchem os vãos curvilíneos da arcaria, cada qual de seu desenho. Quanto havia aqui para detidamente apreciar, mas falta o tempo.

E' em uma das alas deste claustro que está posta a mesa para o almoço que a Associação Commercial de Lisboa ofereceu aos excursionistas ao chegarem ao convento.

Os frades sempre tiveram fama de comerem bem; já lá os não havia, mas os excursionistas fizeram-lhe as honras.

Era proprio.

Quando se chegou ao champanhe principiaram os brindes, o primeiro dos quaes levantado pelo sr. Henrique de Mendonça, o anfitrião da festa, que se exprime nestes termos:

«Sr. comandante. — Já por vezes a Associação Commercial de Lisboa tem tido a honra de receber cidadãos illustres da Republica Brasileira e officiaes distintos da sua marinha.

Hoje é a mim que cabe a honra maior de presidir a esta festa, na qual eu e os meus colegas procuramos, como sempre que temos ensejo, manifestar com profundo affecto á grande nação irmã, quanto apreciamos e desejamos as suas relações e quanta gratidão lhe tributamos pelo procedimento do seu governo e do seu povo para conosco.

Tendo eu, por virtude do meu cargo, a honrosa missão de representar o commercio da capital, missão de que bem melhor desejaria saber desempenhar-me, venho manifestar a v. ex.<sup>a</sup>, sr. comandante, todo o nosso reconhecimento e todo o nosso ardente desejo de estreitar quanto possível antigas relações, tanto de amizade como de mutuo interesse commercial com a grande nação nossa amiga entre todas.

Na pessoa de v. ex.<sup>a</sup>, sr. comandante, e dos officiaes do *Benjamin Constant*, a quem esta festa é oferecida, eu brindo em nome da Associação Commercial de Lisboa, de que tenho a honra de ser presidente, pelas prosperidades da grande Republica Brasileira.»

O comandante, sr. Morão dos Santos agradece em breves, mas significativas palavras, e brinda por Portugal.

Fala, em seguida, o sr. ministro da marinha, em nome do governo português, e faz sentir quanta gratidão o nosso país deve ao Brasil, qual o futuro dessa grande nação, cujos laços de amizade e de comum interesse se devem cada vez mais estreitar.

O sr. dr. Veloso Rebelo, representando o sr. ministro do Brasil em Lisboa, agradece as honrosas referencias feitas ao seu país e ao marechal sr. Hermes da Fonseca, presidente daquela republica; refere-se á Associação Commercial como a representante do commercio português, significando aquella festa além da reciproca simpatia dos dois povos, a solidariedade internacional em seus tambem reciprocos interesses, brindando por fim ao governo da Republica Portuguesa e ao illustre chefe do Estado.

Outros brindes se seguiram dos srs. Victor Guedes, Mello de Mattos, Rosendo Carvalheira, Barjy, Vasconcellos Correia, Alberto Macieira e do autor destas linhas, pela imprensa da capital.

Estes brindes foram intercutados pelos hinos nacionaes de Portugal e do Brasil executados pela banda de infantaria 7, que durante o almoço tocou bellissimas partituras.

Os nossos illustres hospedes mostraram se tão satisfeitos pela agradável excursão, como reconhecidos pelas carinhosas atenções com que têm sido recebidos na terra portuguesa, aliaz merecidas como prova de fraternidade entre os dois povos verdadeiramente irmãos.

CAETANO ALBERTO.



A mulher, furiosa, descompõe o marido:

— Não te exaltes, diz elle socegado, podes ter uma apoplexia, e se morres, com quem queres tu que eu case?

— Com a mulher do diabo.

— E' impossivel, filhinha: a nossa santa madre igreja não consente que os genros casem com as sogras.

## Opusculos e Esparsos

Pelo 2.<sup>o</sup> Visconde de Santarem

Colligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3.<sup>o</sup> Visconde de Santarem

Pelo sr. visconde de Santarem foi nos oferecida a obra cujo titulo encima estas linhas, composta de dois volumes in-folio; o primeiro de 478 paginas e XI de frontespicio e prologo, e o segundo de 492 paginas.

Deve se a publicação desta importante obra ao sr. Visconde de Santarem, néto do autor, que por louvavel e respeitoso amor filial, por seu melhor empenho em dar novamente á estampa muitos dos trabalhos do sabio cosmografo, esparsos e que nestes dois volumes foram coordenados e reunidos, quanto possível, pelo meritissimo bibliotecario da Ajuda, sr. Jordão de Freitas, com trabalho verdadeiramente apreciavel.

Entre as pessoas lidas e curiosas da historia portugueza é bem conhecido o respeitavel nome do Visconde de Santarem como o de um sabio investigador e crítico, cujo trabalho assombra e não menos se impõe pelos primores de seu character, modelo de ensinamento.

Seus talentos diplomaticos cedo se affirmaram, de modo que aos 28 anos de idade já desempenhava o alto cargo de ministro português em Copenhague e, poucos anos depois, em 1827, era encarregado da pasta do reino, na regencia da Infanta D. Isabel Maria, que pouco tempo geriu, sendo no ano seguinte, encarregado por D. Miguel I, ministro dos estrangeiros, seu character porém é que não lhe permitiu transigir com as exigencias politicas, tanta vez contrarias á réttidão e á justiça, como ao espirito de independencia, e assim abandonou esta carreira, resolução de que não houve fórma de demovel-o, para antes se entregar aos seus estudos historicos, para que mais se inclinava, e que lhe valeram o ter sido nomeado guarda mór do Real Arquivo da Torre do Tombo, em 1824, quando regressou de suas missões diplomaticas no estrangeiro.

Nesses estudos é que o Visconde de Santarem se encontrava no seu elemento, e, de tal modo, que desgostoso da politica ele a abandonou completamente, retirando se para o estrangeiro, indo estabelecer sua residencia em Paris, em 1834, e ali permaneceu até final da vida, morrendo a 17 de janeiro de 1856.

Na grande cidade do mundo ele prosegue seus estudos historicos e geograficos para que lhe não faltam elementos e produz sua vasta obra em que mais avulta *Essai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie pendant le moyen-âge, et sur le progres de la géographie après les grandes découvertes de XV siècle, pour servir d'introduction et d'explication à l'Atlas composé de mappemondes, et de portulans, et d'autres monuments géographiques, depuis le VI siècle de notre ère jusqu'au XVIII*; em tres volumes successivamente publicados nos anos de 1849, 1850 e 1852.

Mas que extraordinaria operosidade desenvolve o Visconde de Santarem naquele grande centro intellectual, e como ele se encontra ali bem estabelecido! Assim o revela em uma carta escrita em 1842, dirigida ao grande estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Essa carta é como que uma confissão da sua vida, da qual copiamos alguns periodos impressos no prologo com que o sr. Jordão de Freitas precede os dois volumes de que estamos tratando.

«Que teria sido de mim (escreve o Visconde de Santarem) sem o estudo, sem os livros, sem a verdadeira philosophia que elles inspiram na adversidade?»

«Ao estudo devo consolações e confortos que sem estes não encontraria em circumstancia alguma, e que nenhum poder humano me podia dar; ao estudo e á cultura das sciencias devo o que todas as honras do mundo e todas as riquezas materiaes me não podiam dar, a consideração geral da Europa augmentada de dia em dia depois da minha queda do pinaculo das dignidades pelas revoluções do meu país.»

«E' aos livros que devo a tolerancia dos meus principios, e as convicções profundas da indispensavel necessidade de ordem nas sociedades humanas.»

«E' ao estudo que devo um numero incrível de amigos; é a este que devo a minha amizade d'aquelle que mais provas me tem dado de affecto; é por certo a este que eu devo o primeiro de todos, aquele que mais preso.»

«E', finalmente, aos livros e aos meus trabalhos litterarios que devo a conquista de um homem como V. Ex.<sup>a</sup>»

«Continuemos pois as nossas tarefas litterarias em beneficio da patria e em honra d'ella, e nisto lhe faremos grande e importantissimo serviço, serviço real, mesmo politicamente fallando, pois as publicações de obras e escriptos que recordam os grandes feitos de uma nação, sobretudo quando ella se tem achado entregue ás commoções civis, divergem a attenção para as cousas uteis, e para os exemplos de patriotismo, e infiltram as boas doutrinas no povo, formam mesmo insensivelmente uma opinião conservadora de ordem e admiradora da gloria nacional, civilisam as nações e tornam por fim nullos, ou pelo menos neutralisam os perniciosos efeitos das ambições dos partidos politicos que a propagação das mesmas doutrinas desarma e confunde.»

Isto então escrito pelo Visconde de Santarem, não perde oportunidade repetido hoje e mais uma vez prova a verdade das lições da historia.

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO.



## O MEZ METEOROLOGICO

Outubro de 1912

Barometro — Max. altura 769<sup>mm</sup>.5 em 14.

» Min. altura 755<sup>mm</sup>.7 em 2.

Temperatura — Max. altura 25<sup>o</sup>.5 em 14.

» Min. altura 9<sup>o</sup>.9 em 26.

A temperatura conservou-se quasi sempre a um nivel proximo do normal. A ultima maxima superior a 20<sup>o</sup>, n'este mez, foi em 23 (21<sup>o</sup>.7). A maxima mais fraca foi em 31 (16<sup>o</sup>.5).

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 14 dias.

» Ceu nublado 14 dias.

» Ceu encoberto 3 dias.

Chuva — 106<sup>mm</sup>.4 em 11 dias.

Em 29, a chuva atinge 41<sup>mm</sup>.0 em 24 horas.

Horas de sol — 192 horas e 52 minutos.

N.voeiro — Em 26, 27 e 31.

Trovões — Em 3 e 10.



## PELOS TEATROS

Ginásio

Após a *Lição cruel*, de Pinheiro Chagas, que bastantes noites agradaveis proporcionou aos espectadores que, possuem ainda um pouco de bom gosto e que detestam essas obras que lhes apresentam com pomposos titulos e que se fazem rodear de uma fama efémera, subiu á scena neste teatro uma peça franceza, em 4 actos, de Paul Gavault que Mello Barreto traduziu com aquêle cuidado e proficiência que costuma empregar nas suas traducções.

A *petite Chocolatiere* ou *Menina do Chocolate* como nós lhe chamamos era já conhecida do público de Lisboa; foi representada no República, ha três anos, pela companhia da *Porte Saint-Martin* e ultimamente no mesmo teatro pela companhia de *Mimi Aguglia*.

E' pois, desnecessário dizer o que vale esta peça, quer pelo assunto de que trata, quer pela maneira como está delineada e escrita.

Pela subtilidade das expressões faz lembrar as peças de Capus ou de Tristan Bernard, o que prova bem claramente que são desnecessários os termos pouco correctos e as frases duvidosas que, com algumas excepções, costumam chegar até nós dos palcos de alguns teatros, mórmente de operêta.

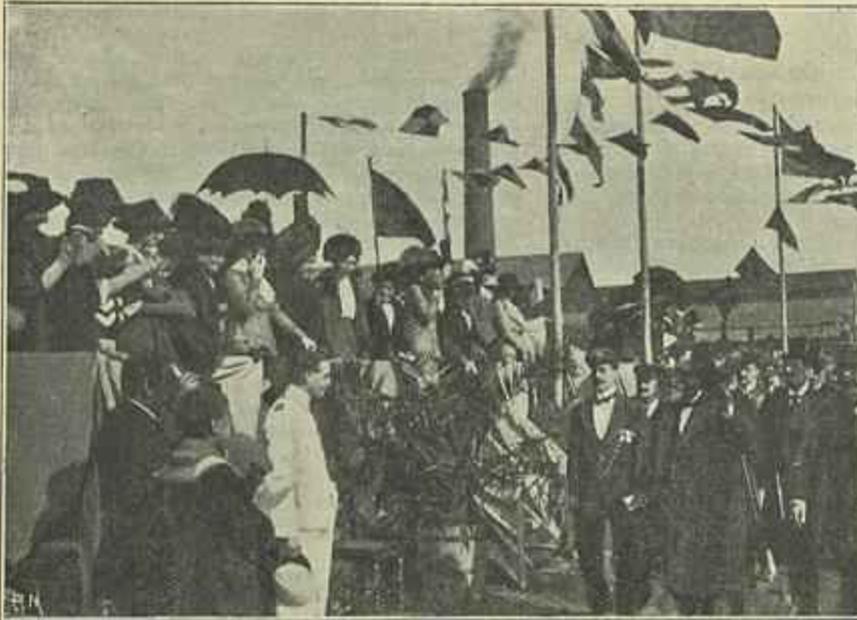
A. N.



Não comprehendo como não possas gostar do trabalho; para mim é um verdadeiro prazer; disse uma vez um pai ao filho, que era grande preguiçoso.

— Para mim tambem, respondeu o mandrasso; porém não quero dedicar-me completamente ao prazer.

## Festas Comemorativas do 21.º aniversario do Club Naval de Lisboa



CHEGADA DE S. Ex.º O PRESIDENTE DA REPUBLICA  
À SÉDE DO CLUB NAVAL

## O 21.º aniversario do Club Naval de Lisboa

Para celebrar o seu 21.º aniversario, realizou o Club Naval de Lisboa, no dia 17 do corrente, uma festa nautica como poucas tem havido no Tejo com tanto brilho e novidade.

Na sua sede, no caes da Viscondessa, junto á margem do rio, fez exposiçõ de todo o material dos serviços nauticos e de socorros a naufragos, como uma bela apresentação das guarnições dos barcos incluindo um grupo de senhoras remadoras.

A festa, para que houve convites, foi honrada com a presença de sua ex.º o Presidente da Republica, sr. ministro da marinha, major general da armada e alguns officaes do *Benjamin Constant*, tendo havido á chegada do sr. Presidente as salvas da ordenança e tocado o hino nacional pela banda dos marinheiros.

Deu-se então começo aos exercicios nauticos, que fóram presenciados de bordo do *yacht Hirondelle*, pertencente ao sr. Henrique Mautroy de Seixas, contra-comodoro do Club. Esses exercicios correram admiravelmente, como muito bem correu o jogo *Water-polo* em que tomaram parte os srs. Artur Consolado, João Dias da Silva, Pereira Duarte, Henrique Telles, Arnaldo Stoker, Rider Costa e F. Espada.

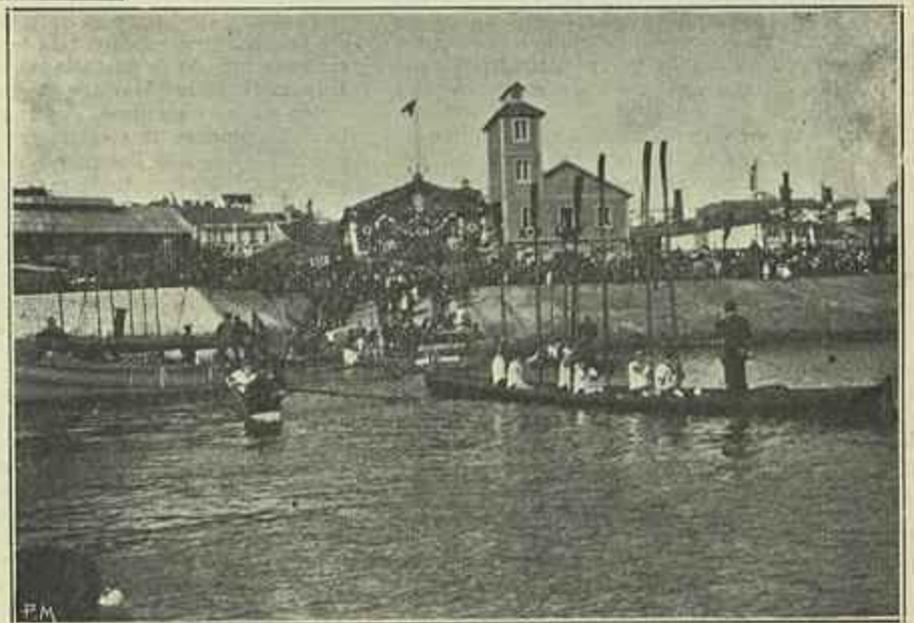
Os exercicios de socorros a naufragos efectuaram-se admiravelmente, dirigidos por membros do benemerito instituto, tendo os jogadores do *Water-polo* figurado de naufragos.

Houve na festa uma nota extremamente simpatica e que ofereceu certa novidade, como foi a presença de um batalhão formado pelos rapazes alunos do *Vinte das Escolas*, devidamente armados e com o respetivo terno de cornetas. Este curioso batalhão fez a devida continencia á chegada do sr. Presidente da Republica, tocando a charanga dos marinheiros a *Portuguesa* e dando-se no mar e em terra uma salva de 21 tiros, subindo ao mesmo tempo ao ar girandolas de foguetes, que são numero obrigado das festas.

A flotilha manobrou muito bem, habilmente comandada pelo director sr. Hipacio Amado. O seu aspeto produziu bom efeito, impressionando bem as autoridades maritimas presentes.

Ao terminarem as evoluções dos barcos de remos, fez-se uma continencia maritima que, pela primeira vez se realizou no Tejo, e que foi aplaudidissima.

Por fim fez-se a distribuição de premios aos vencedores das ultimas regatas organisadas pelo Club, sendo depois servido chá ás senhoras e um delicado copo de agua aos socios, em que se levantaram entusiasticos brindes pelo bom resultado da festa e á direcção do Club pelos esforços empregados em bem orientar e desenvolver o desporto nautico.



A PRIMEIRA LARGADA PARA O MAR

### Almanaque Ilustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis;  
nas outras terras 120 réis

### CONTOS E DIGRESSÕES por CAETANO ALBERTO

Um volume ilustrado de 224  
paginas com linda cartanagem, completa novidade, 500 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE

### CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte  
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ  
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



### CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



### A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRE S. Trajes de rigor, furrados a sede, em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

### PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

*Vinho Nutritivo de Carne* de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiçacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

### Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,  
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,  
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis  
Capa e encadernação 1\$200